AS MINORIAS REVOLUCIONÁRIAS

JOSÉ PEDRO GALVÃO DE SOUSA

A análise sociológica do fenômeno revolucionário tem sido feita através de diferentes prismas. De Gustavo Le Bon a Ortega y Gasset, muitos a têm empreendido do ponto de vista da psicologia social. De Joseph de Maistre a Berdiaeff, ela se desenvolve numa linha de interpretação metafísica. E outros, a exemplo de Taine, limitam-se aos domínios da pesquisa histórica.

Filósofos, psicólogos e historiadores vão assim contribuindo para esclarecer o assunto. Documentos oficiais, memórias e depoimentos diversos, sem falar na experiência pessoal de muitos de nós, presenciando revoluções ou delas participando, fornecem material abundante para reflexões proveitosas.

E diante de tôdas essas fontes para o estudo das revoluções, não se pode mais hoje afirmar, como fazia Michelet em relação à Revolução Francesa, que o povo é o principal agente da revolução.

A verdade é bem outra. As revoluções têm sido obras de minorias ilustradas. Vêm de cima para baixo, são preparadas por pequenos grupos organizados. Antes de ser uma explosão popular, a revolução é uma conjuração palaciana, uma fermentação de idéias em salões e academias, ou um plano urdido no recôndito das sociedades secretas.

Basta considerar, antes de mais nada, o protótipo das revoluções modernas: a Revolução de 1789.

A REVOLUÇÃO DE CIMA PARA BAIXO

A marcha da revolução não tem um sentido ascendente. Seu ponto de partida não é a rua, mas a **intelligentzia**. Assim, o movimento revolucionário de 1789 só atingiu as instituições depois de já subvertida a mentalidade das classes dirigentes.

Os reis, dominados pelo filosofismo, não reinavam mais. A literatura do século é que reinava sôbre êles. Fato semelhante ao de D. Pedro II, um século mais tarde, no Brasil: era o rei-filósofo, racionalista e cético, benevolente e quase paternal para com a propaganda republicana. Na França, a revolução não foi

"um fenômeno de revolta, operando de baixo para o alto, mas um fenômeno de demissão e de abdicação, partindo de cima para baixo" (1).

Pondera Godefroid Kurth que teria provocado gargalhadas e gritos de indignação quem, no dia 5 de maio de 1789, ao se instalarem os Estados Gerais em Versalhes, dissesse que em menos de 5 anos a realeza seria suprimida, o rei e a rainha seriam executados, os nobres teriam que escolher entre a guilhotina e o exílio, a religião seria proscrita e uma prostituta receberia, nos altares de Notre-Dame, o culto tributado à deusa Razão (2).

E o mesmo autor prossegue numa série de reflexões que vem a propósito lembrar.

Primeiramente, cumpre rejeitar as explicações dos que vêem na Revolução de 1789 uma revolta contra os abusos do Antigo Regime. Seria assinalar uma causa insignificante a um efeito cujas proporções são incomensuráveis. Se a Revolução tivesse sido feita contra os abusos, é de se supor que teria acabado na noite de 4 de agôsto daquele mesmo ano. Representantes do Clero, da Nobreza e do Povo congratulavam-se então. Os deputados nobres eram os primeiros a propor a abolição dos privilégios. Até às duas horas da madrugada, entre aplausos, lágrimas e abraços, votava-se uma série de medidas radicais que vinham liquidar com o Antigo Regime: supressão dos vestígios feudais, igualdade de direitos, livre acesso de qualquer cidadão a todos os empregos, gratuidade da justiça, abolição dos privilégios das corporações, das províncias, das cidades e dos indivíduos. E depois disto, a Revolução continuava, ou melhor começava verdadeiramente, arrastando os seus homens até onde não haviam de início imaginado chegar, devorando os próprios filhos como Saturno.

Se a Revolução tivesse sido apenas um esfôrço de resistência contra os abusos do govêrno e das classes altas, ela teria cessado com a erradicação de tais abusos, limitando-se a uma reforma do regime, sem chegar à sua destruição total. Se, pelo contrário, se desencandeou sôbre a sociedade com uma fôrça irresistível, subvertendo tudo, é porque obedecia a outros móveis. Nada mais esclarecedor, neste sentido, do que consultar os famosos **cahiers** do **Tiers État** — os documentos onde se achavam expressas as queixas, as aspirações, as reivindicações dos eleitores da classe popular, segundo o sistema eleitoral da época. A Revolução foi muito além do que pleiteava o homem do povo e chegou

(1) — Charles Maurras, **Réflexions sur la Révolution de 1789**, Paris, Les Iles d'Or, Editions Self, 1948, pág. 21.

(2) — Godefroid Kurth, **L'Eglise aux tournants de l'Histoire**, Bruxeles, Lib. Albert Dewit, pág. 161.

mesmo a violar sentimentos profundamente arraigados em tôda a Nação francesa. Assim é que a imensa maioria dos eleitores manifestava-se devotada à religião e à realeza, que seriam os objetivos principais visados pela Revolução em marcha na sua fúria destruidora.

Daí o protestar Charles Maurras contra a expressão geralmente usada para designar a grande Revolução.

Revolução francesa?

Não. Revolução antifrancesa. Porque veio demolir o edifício da França tradicional. Porque abriu as portas da França aos metecos, que aí instalaram a sua dominação antifrancesa. Porque as idéias que a impulsionaram foram contrárias aos sentimentos nacionais.

O espírito revolucionário é muito anterior a 1789. Vem do filosofismo do século XVIII, do classicismo pagão do século XVII, do humanismo da Renascença e do protestantismo luterano-calvinista. Muitas destas correntes de idéias, que acabaram na ordem política gerando a Revolução, se desenvolveram conjugadas com idéias cristãs e tradicionais, mas trazendo o fermento da dissolução no racionalismo, que comprometia a fé, e no entusiasmo exagerado pela cultura antiga, que fazia abandonar aos poucos os ideais da catolicidade.

Os filósofos e seus discípulos, muitos dos quais nobres, não representavam evidentemente a Nação. Mas enquanto os homens do povo, depois de terem deixado, nos cadernos das eleições, a expressão dos seus desejos, voltavam para suas casas, para as oficinas ou para o campo, aquêles intelectuais herdeiros de Voltaire e Rousseau organizavam-se, pregavam incessantemente, falavam em nome do povo, exigiam com insolência, intimidavam as autoridades e dominavam a Assembléia dos Estados Gerais, transformada em Constituinte sem que tivessem recebido nenhum mandato popular, para isto.

Entre êles até sacerdotes se encontravam. Ignorando a doutrina social do catolicismo, aplaudiam as idéias de Rousseau e não sabiam perceber nas inovações dos filósofos a deturpação de parcelas da verdade católica. Nada mais contristador do que o espetáculo oferecido pelos padres revolucionários, "pastores que, sendo guardas de um tesouro, o deixam substituir pela moeda falsa" (3).

Nos seus volumes sôbre a Revolução e suas origens, Gaume refere-se à penetração do espírito naturalista pré-revolucionário no próprio clero francês. A Revolução é filha da República das

---

(3 — G. Kurth, ob. cit., pág. 188.

Letras e do Colégio, tal é a tese dêste autor, comprovada por impressionantes documentos. Em tôrno do assunto polemizaram, no século passado, Louis Veuillot e Monsenhor Dupanloup, na famosa questão dos clássicos. Quando aquêle grande jornalista católico, através das colunas do **Univers**, se levantava contra a prepotência dada aos clássicos greco-romanos na educação da mocidade de sua pátria, não fazia mais do que sustentar a mesma tese de Gaume. Não se tratava de negar o altíssimo valor dos escritores da antiguidade, mas de tomar as devidas precauções para que o cultivo exagerado dos mesmos não viesse aos poucos substituir os autores cristãos e de tal forma contribuir para criar uma mentalidade naturalista, afeita mais às fontes pagãs do que aos ideais cristãos. Tal fôra precisamente o sentido revolucionário da Renascença, enquanto combatia o latim medieval, qualificado de bárbaro, e a filosofia escolástica, exaltando ao mesmo tempo os modelos da antiguidade pagã.

Dêsse menosprêzo pela cultura cristã, em favor das letras clássicas, resultou aquela situação que Charles Nodier, testemunha ocular da Revolução de 1789, nas suas "Memórias", sintetizava: "Franceses, não havíamos recebido uma educação francesa; cidadãos de uma monarquia, não tínhamos recebido uma educação monárquica; cristãos, não tínhamos recebido uma educação cristã".

Infelizmente, não era apenas uma exceção um caso como o do Padre Auger, professor de Retórica no Colégio de Rouen, membro da Academia de Inscrições e Belas Artes de Paris, de tal modo apaixonado pelos clássicos, que o Bispo de sua Diocese o chamava Vigário Geral **in partibus Atheniensium**. Fazendo o seu panegírico, o famoso revolucionário Herault de Séchelles assim se expressava: "O Padre Auger, durante dez anos, colocou tôda a sua felicidade em Demóstenes... A Revolução encontrou-o no meio das repúblicas da Grécia, e esta alma tão compenetrada da dignidade do homem e do direito eterno que resulta da igualdade não precisava de grande esfôrço para se entregar sinceramente, na sua pátria, aos mesmos gozos que sua imaginação freqüentemente saboreava na História... Homem da natureza! Amigo das musas ! Que os deuses concedam às tuas cinzas uma terra mais leve, flores e uma eterna primavera em tôrno ao teu sepulcro. Enquanto tua sombra errante no Eliseo conversa, sem dúvida, com as de Lisias, Esquines, Isócrates, colocaremos tua imagem entre Demóstenes, de quem imitaste a glória, e Sócrates, com quem a natureza te fêz parecido pelos traços fisionômicos e por algumas relações íntimas de uma sabedoria superior..." (4).

---

(4) — Mgr. Gaume, **La Révolution**, Gaume & Frères, Paris, vol.. I.

Talleyrand e Chateaubriand reconheceram também que a Revolução saiu dos colégios e foi o fruto dos estudos clássicos. E o órgão revolucionário "Monitor", de 15 frimários do ano VII, trazia esta declaração bem significativa: "Nós mesmos, se erguemos nossas frontes curvadas na servidão da monarquia, foi porque a feliz incúria dos reis permitiu que nos formássemos nas escolas de Atenas, Esparta e Roma. Crianças, freqüentávamos os Licurgos, Solons e Brutos; homens, não podemos senão imitá-los".

Mas as revoluções se defendem. E aquêle mesmo órgão assim continuava: "Não teremos a estupidez dos reis. Tudo será republicano na república. Perseguiremos os que lhe forem contrários, exigiremos que todos lhe professem amor".

Com a Revolução Francesa começava a "propaganda" política no sentido moderno: a propaganda ideológica, o contrôle das idéias contra-revolucionárias, o prosseguimento em maior escala daquele sistema de lenta e insidiosa infiltração de princípios para formar mentalidades na linha da ideologia revolucionária.

As fôrças revolucionárias do século XVIII inauguraram esta técnica de dirigismo do pensamento, mais tarde aperfeiçoada pelos regimes de Estado totalitário.

O liberalismo iniciou o contrôle das massas pelas minorias revolucionárias e a infusão das ideologias na vida política dos povos.

O SUICÍDIO DAS ELITES

É freqüente, em nossos dias, êsse espetáculo contristador, para não dizer grotesco, de certos espíritos que, com a preocupação de serem homens do seu tempo e acompanharem o que chamam a "revolução social", se atiram ao encontro das massas revolucionárias. Alguns o fazem pensando ingenuamente que poderão assim garantir-se no futuro, caso típico dos industriais que dão dinheiro para o Partido Comunista, ou que procuram entrar em entendimentos com demagogos de prestígio e estabelecer assim um **modus vivendi** entre as classes abastadas e os elementos políticos que representam as reivindicações populares.

Tudo isto é conseqüência da desorganização social em que vivemos há mais de um século. As sociedades políticas, tendo perdido o sentido da sua formação corporativa, passam do individualismo para o socialismo mais avançado como quem vai escorregando por uma rampa sem conseguir deter-se em meio do caminho. Por fim todos saem ludibriados: as massas deixam-se levar pelos demagogos, caudilhos ou chefes — tenham lá o nome que tiverem — e as classes das quais até há pouco

tempo eram extraídas as elites dirigentes vão perdendo a preponderância na direção nos negócios públicos.

Com o crescimento das populações, num rítmo geométrico, as grandes concentrações operárias urbanas, o aumento do eleitorado e a propaganda comunista mundialmente organizada tornou-se mais agudo o conflito entre as classes sociais, iniciado com o liberalismo econômico e político, ao substituir a organização corporativa pelo sistema individualista da concorrência e do sufrágio universal. Assim o fator **massa** passou a representar muito mais hoje do que na época da Revolução de 1789. Depois dos movimentos revolucionários de 1848 — ano do Manifesto Comunista — entraram os países europeus em plena sistemática de "massas **versus** elites", no que diz respeito às lutas políticas. Tornou-se, por tudo isso, muito mais fácil apresentar a revolução mundial como sendo um surto espontâneo das massas, impositivo duma nova era e fatalidade inexorável.

Em proporções menores e sem o sentido trágico da revolução em nossos dias, era já êsse, aos olhos das elites dirigentes da França no século XVIII, o aspecto das transformações sociais que então se anunciavam, ou melhor, da revolução que se preparava.

Esperavam-se melhores dias para a humanidade, caminhando na senda do progresso, traçada pela filosofia das "luzes". O homem da natureza de Rousseau e do romantismo fascinava os espíritos **bien pensants** da época. Como posteriormente o comunismo, anunciando um "paraíso na terra", os escritores da Enciclopédia acenavam uma era mais feliz, despidos os nobres dos velhos privilégios e libertos todos das restrições procedentes das autoridades sociais, cuja ruina se saudava com alegria.

Em suas "Memórias", o Conde de Ségur escrevia: "Quanto a nós, da jovem nobreza de França, sem saudades do passado e sem preocupação pelo futuro, caminhávamos alegremente sôbre um tapete de flores que nos ocultava um abismo. Rindo-nos com escárneo das modas antigas, do orgulho feudal de nossos pais e das suas solenes etiquetas, tudo quanto era antigo nos parecia incômodo e ridículo. As antigas doutrinas, com a sua sisudez, eram um pêso para nós. A liberdade, fôsse qual fôsse a sua linguagem, agradava-nos pela sua coragem, como a igualdade nos agradava pela sua comodidade. Encontra-se prazer em descer, desde que se acredite que se pode tornar a subir até ao ponto desejado; e nós, sem qualquer espécie de previdência, desfrutávamos, ao mesmo tempo, as vantagens, os patriciados e as doçuras de uma filosofia plebéia. Assim, embora nos minassem sob os pés os nossos privilégios, ruinas do nosso antigo poder, esta pequena guerra agradava-nos. Não lhe experimentávamos

os golpes nem outra coisa tínhamos dela senão o espetáculo. Continuando intactas as formas do edifício, não percebíamos que o estavam a minar no interior. E ríamo-nos dos graves alarmes da velha Côrte e do Clero, que trovejavam contra êsse espírito de inovação. Aplaudíamos as cenas republicanas dos nossos teatros, os discursos filosóficos das nossas Academias e as obras ousadas dos nosso literatos..." (5).

A reação da Côrte e do Clero não era, entretanto, suficiente. A vida sibarita de Versalhes tirava à Côrte a capacidade para resistir. Os reis fraquejavam e permitiam a propaganda revolucionária. O próprio Clero deixava-se infiltrar. E assim, quando as idéias novas circulavam pelos salões da nobreza, onde se reuniam os filósofos — os célebres salões da Marquesa du Deffand, de Madame Geoffrin, de Mlle. Lespinasse e outros — era a Revolução que se incubava no espírito daqueles que iam ser as suas primeiras vítimas. A aristocracia inconsciente não só não percebia que o edifício estava sendo minado. mas ajudava a miná-lo. Dos salões, a Revolução passou para as ruas. E aquelas minorias que inteligentemente a preparavam, e que teriam mais tarde o contrôle das massas, começaram por manobrar as elites dirigentes. Da parte destas elites, não houve apenas omissão, ou negligência. Demitiram-se da função que deviam desempenhar, e foram ao encontro da Revolução. Basta lembrar que três quartos dos emigrados franceses eram maçons, e aprendiam nas lojas as doutrinas cuja aplicação prática haveria de lhes custar a cabeça ou o exílio.

Espetáculo semelhante ao do suicídio das elites burguesas em nossos dias.

Donde o concluir Pierre Gaxotte: "O drama do século XVIII não está, verdadeiramente, nas guerras nem nas **jornadas** da Revolução, mas na dissolução e na reviravolta das idéias que tinham iluminado e dominado o século XVII. Os motins e as carnificinas não serão outra coisa senão a expressão retumbante e sangrenta dessa dissolução. Quando elas rebentarem, já o verdadeiro mal estará realizado há muito" (6).

OS LABORATÓRIOS DA IDEOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

Por sua vez, Augustin Cochin escreve: "os ratos lá estavam antes do queijo, os jacobinos antes da Revolução. Não é de 89,

(5) — Apud, Pierre Gaxotte, **La Révolution Française**, cap. IV: **La crise de l'autorité**.

(6) — Pierre Gaxotte, ob. cit., cap. III: **La doctrine révolutionnaire.**

é de 1770, de mais longe ainda, que datam êstes costumes e êstes princípios estranhos. Considerai o grande fato histórico do século XVIII: a vinda ao mundo e ao poder das sociedades de pensamento" (7).

Dando busca a documentos que lhe permitiram reconstruir a história das sociedades de pensamento na Bretanha, Cochin veio completar a revisão do estudo das origens revolucionárias, iniciada por Taine. Para êste último ainda existia a "anarquia espontânea" Mas depois de Cochin, melhor esclarecido o assunto, ficou devidamente averiguada a existência desta pretensa espontaneidade nos movimentos revolucionários. Tudo preparado, tudo articulado, através da rêde de sociedades de pensamento e das lojas maçônicas espalhadas pela França. Por sua vez, Bernard Fay mostrou, na atuação das seitas secretas, o papel desempenhado por aquêles que **menèrent la danse** atrás dos bastidores (8). Os trabalhos dêstes e de outros autores vieram refazer a história revolucionária, deturpada pelas versões oficiais, e firmaram a tese da revolução como obra da **intelligentzia** e não do povo.

O encadeamento das idéias revolucionárias no mundo moderno é um longo processo que tem início com o protestantismo e vem até ao comunismo e aos movimentos socialistas de nossos dias. Em seu estudo sôbre as origens da democracia totalitária, Talmon mostrou no jacobinismo do século XVIII os primeiros elementos dos sistemas coletivistas de hoje (9). E a êste respeito cumpre notar que tanto se pode falar de coletivismo da esquerda como da direita (fascismo, nacional-socialismo). É um engano identificar a Revolução com os movimentos enquadrados na "esquerda" e atribuir às "direitas" um caráter reacionário, contra-revolucionário. Estas denominações precisam ser cuidadosamente revistas, pois têm dado margem a uma série de equívocos. Nos mesmos princípios do naturalismo político, denunciados por Leão XIII, na Encíclica **Humanum genus**, encontram sua gênese filosófica tanto as ideologias esquerdistas como as

---

(7) — Augustin Cochin, **Les societés de pensée et la démocratie moderne**, Paris, Plon, pág. 102-103.

(8) — Bernard Fay, **La Franc-Maçonnerie et la révolution intellectuelle du XVIIIe. siècle**, Éditions de Cluny, Paris, 1935.

(9) — Obra importantíssima, a de J. L. Talmon, **The origins of totalitarian democracy**, Londres, Secker & Warburg, 1952. Em recente tradução castelhana, **Los origenes de la democracia totalitaria**, Aguilar, Madrid-Mexico-Buenos Aires, 1956. Aprofundando ainda mais o assunto, Eric Voegelin indica na gnose a origem do democratismo moderno: Cf. E. Voegelin, **The New Science of Politics**, The University of Chicago Press, Chicago Ilinois, especialmente cap. IV, **Gnosticism — The Nature of Modernity**, e cap. V, **Gnostic Revolution — the Puritan Case.**

das chamadas "direitas" desenvolvidas ùltimamente e que tiveram o seu apogeu pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Um dêsses princípios, reconhecidos por Talmon na citada obra e apontado por Werner Sombart como característico básico do Estado moderno, é a secularização da vida (10). O Estado deixa de se subordinar ao fim transcendente do homem e em lugar de Deus surgem outros valores como "absolutos", determinando tôda a sistemática sócio-política: a liberdade, para o liberalismo; a classe, para o comunismo; a raça, para o nazismo, etc.

Mas o simples desenvolvimento dialético das idéias — desde a pseudo-reforma protestante até os coletivismos da atualidade — não bastam para explicar a dinâmica revolucionária. As idéias não brotam espontâneamente como cogumelos e o seu influxo não é suficiente para nos dar a causalidade última do processo revolucionário. Nem a anarquia revolucionária é espontânea, como pensava Taine, nem tão-pouco a fermentação ideológica. As ideologias atuam precisamente através daqueles organismos associativos que as propagam, e também promovem o desencadeamento da ação revolucionária.

Percebeu-o com muita lucidez George Uscatescu, ao analisar o processo revolucionário moderno. A partir de 1789, as ideologias assumem uma função capital nas revoluções. Mas paralelamente ao papel das idéias, e como seu elemento propulsor, devemos considerar as associações revolucionárias, de um modo especial as sociedades secretas. Além das **sociétés de pensée** e dos clubes jacobinos da França, cumpre lembrar seitas religiosas ou místicas, como a dos "iluminados" da Baviera e uma série de sociedades entregues ao ocultismo e até mesmo ao satanismo. Vemos assim conjugarem-se idéias religiosas, sistemas racionalistas e até práticas de magia. Em meio a tais manifestações de fôrças ocultas, as camadas intelectuais operam a seu modo, dirigindo as massas, e, no mais profundo de todo êste processo, se constitui a "caterva" dos iniciados no ocultismo e nos ritos mágicos.

"Todo êste processo, por ser um processo de crise, é um fenômeno de paradoxos" — pondera o referido autor — "e nêle se encontram, ao lado de dogmas intelectuais e racionalistas, turvas irrupções de baixos fundos, fôrças sombrias, contaminações irrefreáveis, que a crise reune e que caminham juntas na torrente revolucionária, sem que se possa separar uns elementos dos demais. A revolução é como um vulcão em erupção, arrastando tudo e formando um conglomerado cada vez maior e mais

(10) — Werner Sombart, **Der moderne Kapitalismus, III: Das Wirtschaftslebem im Zeitalter des Hochkapitalismus**, I, cap. IV, n.º 3, Duncker & Humblot, Berlim, pág. 49.

avassalante, no qual ninguém poderá distinguir os elementos derrubados da lava lançada do seio da terra incendiada.

"O mesmo papel preparador de fatos e organizações revolucionárias foi desempenhado pelos "carbonários", nacionalistas do século XIX, prelúdio das fôrças revolucionárias nacionalistas de mais tarde, e pelas numerosas seitas religiosas nihilistas e anarquistas; e ainda pelas organizações sindicais, operárias e socialistas, que, dentro ou fora da Rússia, nos últimos cem anos prepararam a revolução comunista" (11).

A organização da III.ª Internacional e o método das células pôsto em prática pelos bolchevistas vieram dar um novo sentido à direção revolucionária, procedente dos agrupamentos mais ou menos secretos e escalonados segundo uma forte hierarquia. Daí por diante começou a se distinguir também entre o programa revolucionário completo ou "maximalista" e as concessões táticas. Finalmente, surgiram os "mitos", segundo a linguagem de Sorel, como elementos imprescindíveis na ação revolucionária (12).

A técnica revolucionária é, sem dúvida, uma das mais aperfeiçoadas neste mundo de planejamentos e racionalizações científicas. Tôda feita ao mesmo tempo de violência e de sutileza, de ferocidade e de astúcia. Considerar as multidões amotinadas capazes de manejar essa técnica, é mais do que ingenuidade, é uma estupidez.

Por isso mesmo, Ortega y Gasset, onze anos depois de haver publicado aquela série de artigos reunidos em volume sob o título **La rebelión de las masas**, tomando novamente da pena em 1937 para escrever um prólogo especial dirigido aos leitores franceses, advertia que os fatos haviam feito dêste livro uma obra ultrapassada, a ponto de ficar o seu autor duvidando da oportunidade de uma nova tradução.

Em nossos dias ninguém melhor do que Uscatescu veio completar e, ao mesmo tempo, corrigir a interpretação orteguilana do fenômeno revolucionário. Uma retificação semelhante à feita por Augustin Cochin, quando completou Taine na explicação das origens da Revolução de 89.

Em face da Revolução Francesa e das rebeliões de massas em nossos dias, a mesma conclusão se impõe:

— Rebelião das massas?

— Não. Rebelião das minorias.

---

(11) — George Uscatescu, **Rebelión de las minorias**, Editora Nacional, Madrid 1955, pág. 101-102.

(12) — As "Reflexões sôbre a violência" de Georges Sorel inspiraram movimentos revolucionários da "esquerda" e das falsas "direitas", pretensamente contra-revolucionárias. Entre os "mitos" que Sorel realça, estão o mito da "greve geral" (sindicalismo) e da "revolução catastrófica" (Marx).